

## Lazer de institucionalização: controvérsias e associações na entrada em campo

Fontes, Janaína, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

janafontes@yahoo.com.br

Silva, Carolina Caneva da, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

carolcaneva@gmail.com

Myskiw, Mauro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

mmyskiw@hotmail.com

Ferreira, Monica de Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

monica.aacb@gmail.com

Silveira, Raquel da, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

raqufrgs@gmail.com

### RESUMO

A Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul (FPE) é um órgão do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) vinculado à Secretaria da Assistência Social que acolhe aproximadamente 280 crianças, adolescentes e adultos vulnerabilizados na modalidade de acolhimento institucional através de abrigos residenciais. A medida protetiva de acolhimento institucional está prevista no artigo 101, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar dos avanços nas garantias de direitos propostos pelo ECA, ao trabalhar como Profissional de Educação Física na FPE, percebemos que o Estatuto continua sendo motivador de embates entre as intenções de garantias de direitos e proteções explícitas na legislação. Dentre os direitos que devem ser garantidos para crianças e adolescentes, a Constituição Federal do Brasil, assim como o ECA, situam o lazer como um direito fundamental. Para compreender de que maneira isso acontece desenvolvemos uma pesquisa etnográfica. Os locais da pesquisa são três Abrigos Residenciais situados na região central de Porto Alegre, que atende crianças e adolescentes. Para este trabalho problematizamos o processo de entrada em campo. À luz da Sociologia Pragmática, tendo como referencial teórico a Teoria do Ator Rede de Bruno Latour, desenvolvemos as primeiras reflexões das imersões no campo de estudo. Podemos observar que as relações híbridas entre os atores-rede humanos e não-humanos performam o lazer na instituição de acolhimento estudada. Para além de crianças, adolescentes, trabalhadores o lazer vivenciado nos abrigos envolvem uma série de elementos como chaves, comidas, ingressos, negociações políticas e compreensões

distintas de direito social. As controvérsias que são descritas no campo conduzem como o “Fio de Ariadne”, o caminho que conecta atores humanos e não-humano numa trajetória em que se percebe agindo dispositivos de controle, punição, atravessamentos políticos e crises. Assim, muitas agências atuam no lazer de crianças/adolescentes em acolhimento institucional e é preciso descrevê-las, compreendê-las e interpretá-las na tentativa de ir “reatando o nó Górdio”.

Palavras chaves: Lazer, abrigos, crianças, adolescentes.

## **Introdução**

O acolhimento institucional para crianças e adolescentes na esfera do Estado do Rio Grando do Sul/Brasil, é composto por uma série de Núcleos de Abrigos Residenciais (NAR). A medida de acolhimento é aplicada através de decisão judicial, conforme Art. 101, §1º, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade. Nosso olhar nesse estudo é seguir o lazer no âmbito do acolhimento institucional. O que nós propomos é discutir o tema da entrada de campo no contexto de uma pesquisa etnográfica. Dessa forma, com base nas obras de Latour (2011, 2012, 2017, 2019) nesse trabalho há uma tentativa de descrição das controvérsias ocorridas em torno do lazer no acolhimento institucional, os momentos de crise que surgem em torno do lazer e as associações que se estabelecem entre os atores e as agências que atuam na instituição que mobilizam ações de lazer.

## **Procedimentos metodológicos**

Esta pesquisa consiste em uma etnografia e análise das informações estão sendo realizadas através da Teoria do Ator-Rede (ANT). Para esse estudo analisamos as três primeiras observações participante, que duraram cerca de 2 horas e 30 minutos cada uma. Após elaborou-se um diário de campo para cada observação, fazendo uma descrição dos diferentes atores (humanos e não-humanos), enfatizando suas características híbridas. No caminho metodológico utilizamos a proposta de Latour (2017) dos cinco tipos de atividades que os estudos científicos devem apresentar: 1. Mobilização de mundo; 2. Autonomização; 3. Alianças; 4. Representação Pública; 5. Vínculos e Nós.

## **A noite do hambúrguer**

Essa foi uma atividade promovida pela Diretora do NAR, que é a responsável legal (guardiã) por 38 crianças e adolescentes acolhidos no local e 40 trabalhadores/as, incluindo cuidadores/as e analistas. O evento aconteceu no pátio do NAR. Foi a minha primeira “entrada em campo”. Fui recebida com aceitação pelas crianças/adolescentes, assim como pelos/as trabalhadores/as do local, conforme Stigger e Myskiw (2020) “essa aproximação é menos difícil no âmbito do lazer, talvez por esse ser um espaço-tempo caracterizado pela ludicidade” (p. 8). Assim estabeleci uma relação de simetria com os participantes, estava disponível para ajudar, brincar, dançar, conversar com as crianças/adolescentes. Embora as crianças/adolescentes não me conhecessem, os/as analistas me conheciam e me viram no lugar de colega. Meu desafio foi me situar em relação aos trabalhadores/as, para ser aceita sem deixar de ser vista como pesquisadora. A tarefa é “seguir os próprios atores” e “simplesmente descrever” (Latour, 2012), tentar entender as associações e controvérsias, referente ao lazer e ao não lazer.

O nome da atividade “Noite do Hambúguer” já chama a atenção, pois uma máxima institucional é que “para um evento ter sucesso é preciso muita comida”. Um trabalhador enfatiza “Porque evento sem comida não rola. Poderia ter o MC que fosse cantando aqui. Se não tivesse comida estaria todo mundo dentro de casa”. Uma criança se aproxima de mim comemorando “Tia eu já comi oito hambúguer (sic)!” A partir daí percebo que a contagem do número de Hambúrgueres ingerido passa a ser algo significativo. Para as crianças/adolescentes representa status, ou algo a ser festejado, e para os/as trabalhadores/as no sentido de cuidado, para ser interrompido: “Para de comer. Tu vai passar mal!” adverte uma trabalhadora. A Diretora afirma que ficou até as 3 horas da manhã fazendo os bifés do Hambúrgueres, enfatizando sua dedicação ao trabalho.

O alimento é um ator-rede não-humano que compõe o acolhimento institucional. Referente à discussão sobre comida é possível dizer que as crianças/adolescentes constroem suas regras de comensalidade, ou seja, elas/es possuem agência na formação e na adaptação da comensabilidade, na medida em que a comida é um elemento não-humano que vincula formas de sociabilidades humanas. A ANT, compreende os atores não-humanos, não como intermediários que transportam efeitos únicos, nem como um simbolismo humano, mas como atores que promovem modificações de várias formas durante as ações. Assim, conforme Latour, há “ampliação das possibilidades de análise do o quê ou quem se torna agente na ação, devendo tal enfoque ser explorado desde o início da investigação” (2012, p. 114).

### **Entre chaves e cadeados surgem mais controvérsias**

Minha segunda entrada em campo aconteceu no abrigo nas aulas de yoga para crianças. Essa atividade dentro da instituição é controversa, pois as diretrizes técnicas do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome indicam que os serviços de acolhimento integram o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), tendo interface com outros serviços da rede socioassistencial, quanto com demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos, sendo que “sua atuação deve basear-se no princípio da incompletude institucional, não devendo ofertar em seu interior atividades que sejam da competência de outros serviços” (Brasil, 2009, p. 43).

Diferente da primeira visita, nenhum(a) dos/as trabalhadores/as me conheciam. Uma das crianças disse “Tia eu te conheço!”. Conteí para as crianças sobre a pesquisa. Quando eu falei lazer, imediatamente me perguntaram se poderiam brincar. Uma trabalhadora então diz que se quisessem andar de bicicleta que fossem naquele momento, porque depois da yoga tomariam banho e não iriam mais para rua. Acompanhei as crianças até o pátio e percebi que as bicicletas estavam trancadas com cadeado em um depósito. A trabalhadora me pergunta sobre o que trata minha pesquisa, refiro que é sobre o lazer. Então ela me conta que as crianças ficam só dentro da casa, que não têm passeios e que acha muito importante que eles tenham atividades e brincadeiras fora. Refere que a falta de funcionários e que os problemas de saúde mental das crianças impossibilitam as saídas.

A chegada da professora de yoga é festejada pelas crianças. Já entre os/as trabalhadores/as há uma “agitação”: a chave da sala de recreação não foi encontrada. Uma das trabalhadoras fala ao telefone com o assistente de direção e diz que ele levou para sua casa a chave. A trabalhadora afirma que só a direção tem a chave “nós não temos uma cópia, fica sempre fechada e só a direção tem a chave. Todos os sábados têm aula de yoga e nunca lembram”. Fico pensando: “Por que a sala de recreação deve ficar trancada? Por que somente a direção tem acesso a esta chave? Por que os educadores, que estão trabalhando no local, não têm acesso a essa chave?”. A aula então ocorre no pátio. As crianças manifestam seu descontentamento em não terem acesso à sala de recreação. Outro menino pergunta se vai dar para dançar na aula. A professora responde que sim, mas que somente quem fizer toda aula. Então o menino afirma que o trabalhador (Tio) disse que “se eu não fizer yoga o tio vai me botar de castigo!”. A professora se espanta e diz “Ai meu Deus!”.

Percebe-se que o lazer gera crises na instituição seja pela apropriação do seu espaço, guardado com cadeados, às vezes, intransponíveis, seja sendo performado como um ator-rede que gera disputa e punição/premiação por comportamentos. A professora diz pra criança que será premiada com dança se fizer toda aula, por outro lado o trabalhador comunica que se não

fizer a aula ficará de castigo. Nessas relações, quem está com a chave para abrir a caixa-preta? Segundo Latour (2011) a realidade é o que resiste. As crianças, a sua maneira, resistiram.

### **O dia que entrei em campo sozinha: uma etnografia que (não) aconteceu**

A partir das experiências das duas primeiras entradas em campo, percebi a necessidade das crianças terem atividades fora do abrigo. Então surgiu a ideia de através da pesquisa realizar alianças com o mundo externo. Eu e minha orientadora encaminhamos ao Sport Club Internacional um ofício solicitando a doação de ingressos para as crianças assistirem aos jogos do clube no estádio Beira-Rio, durante o campeonato brasileiro de futebol. Alguns dias depois a direção social do clube entrou em contato doando quatro ingressos para que as crianças pudessem ir ao jogos, porém solicitou informações como nome completo, CPF, RG das crianças, assim como de um(a) adulto(a) responsável. Entrei em contato com o abrigo para obter as informações. A diretora estava em reunião, então pedi para duas analistas do local, sendo que uma não deu qualquer retorno e outra me respondeu “Acho melhor pedir para a diretora, para não dar treta. Sabe como é”. Existe um setor administrativo que tem as informações de todas as crianças da instituição. Então solicitei a chefia desse local os dados que precisava. Recebi as informações, mas ainda estavam incompletas. No dia seguinte, às vésperas do jogo, fui chamada pela responsável do setor para dar explicações sobre o pedido. Relatei que a pesquisa já havia passado pelo Comitê de Ética e que por ser uma etnografia os movimentos no trabalho de campo são imprevisíveis. Mais tarde fui chamada novamente no setor, para me informarem que naquele momento eu não poderia fazer esse agenciamento com o Clube, pois no projeto não estava explícito que isso ocorreria. Além disso, há um outro setor administrativo na instituição que faz parcerias com os agentes externos. Que seria necessário submeter essa questão a outros setores para fazer alinhamentos e que, portanto, essas atividades agenciadas pela pesquisa estariam suspensas. Ocorre que essa decisão se dá em meio a uma disputa política na instituição, com substituição da Presidência, em que os trabalhadores/as do quadro, assim como os cargos de confiança, estão fazendo diversas ações para se manterem nos cargos e uma parceria com Internacional é algo que dá visibilidade e não ter sido feita pela instituição, mas sim pela pesquisa, entrou para a esfera de disputa. A crise provocada pelo lazer foi instalada.

### **Considerações finais**

O objetivo de discutir o tema da entrada de campo no contexto de uma pesquisa etnográfica, tendo como base os primeiros diários de campo construídos mostrou que mesmo sendo uma pesquisadora familiarizada com a instituição ocorreram experiências de estranhamento, que enriquecem o aprendizado no início do processo etnográfico. Entrar em campo gerou angústias, tensões, frustrações e me desafiou a situar-me no papel de pesquisadora, me distinguindo do fazer de trabalhadora. Desenvolvemos esta pesquisa na perspectiva da Teoria das Associações, em que as relações híbridas entre os atores-rede humanos e não-humanos performam o lazer na instituição de acolhimento estudada. As controvérsias que são descritas no campo conduzem como o “Fio de Ariadne”, o caminho que conecta atores humanos e não-humanos numa trajetória em que se percebe agindo dispositivos de controle, punição, atravessamentos políticos e crises. Assim, muitas agências atuam no lazer de crianças/adolescentes em acolhimento institucional e é preciso descrevê-las, compreendê-las e interpretá-las na tentativa de ir “reatando o nó Górdio” (Latour, 2019, p. 11).

## Referências

- Brasil (2009). Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Disponível em [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf) Acesso em: 09/11/2022.
- Latour, B. (2011). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Editora UNESP.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. EDUFBA.
- Latour, B. (2017). *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Editora UNESP.
- Latour, B. (2019). *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Editora 34.
- Stigger, M. & Myskiw, M. (2020). Etnografia e estudos no/do lazer: aspectos da observação participante. In H. Isayama, & V. Melo (Org). *Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer*. Editora UFMG.